



A Impenetrabilidade da Matéria

A rua é um retrato fidedigno de nossa realidade, inicialmente individual e imediatamente após, em sociedade. Na rua encontramos as melhores (e piores) oportunidades de nos expressarmos e de sermos quem quisermos ser, influenciadores sociais, percebidos pelo outro como indivíduos e conseqüentemente, geradores de co-existência.

Todas as experiências pelas quais passamos na rua, nos levam a reflexões imediatas sobre nossas escolhas e sobre os caminhos que desejamos trilhar enquanto sociedade, conduzidos pela nossa

própria história. A rua é o lugar onde nos entendemos enquanto matéria e parte de um todo, para compreendermos que a melhor opção dos grandes centros urbanos é a convivência social, na incessante busca da cidade ideal.

A rua é onde nos (des) organizamos.

Alí estamos, expostos a tudo, confrontados incessantemente com nossas forças e fragilidades, nossas verdades históricas, geradas por nossas ações em comunidade e em constante mutação. De fato, somos diariamente desafiados por essas cidades reais, que nos levam e trazem informações. No frenesí vibratório de nossos corpos, em processo de entendimento da co-habitação sistêmica de nossos espaços vitais que se esbarram e atritam-se, somos obrigados a entender a impenetrabilidade da matéria. Esse atrito entre as matérias e as ideologias, formariam a busca incessante da cidade ideal?

Em sua primeira exposição em nossa galeria parisiense, o artista plástico brasileiro Eduardo Fonseca, prima por mostrar-nos sua visão jovem e urbana, num olhar de alguém que domina de forma precisa a arte de rua, através de um olhar apurado e técnico, expressados em suas obras que nos falam a respeito da história e do diálogo do tempo com a contemporaneidade das ruas das nossas cidades. Mergulhado no sublime universo da pintura figurativa, o artista consegue nos condizir à reflexões necessárias.

É no seu conceito de percepção da rua como espaço vital e na sua forte representação dos personagens que simbolizam as cenas urbanas, que o artista proporciona à série um toque intelectual contemporâneo, trazendo suporte à sua pesquisa e fortificando seus resultados.

É sem dúvida alguma, no entendimento das formas que representam a matéria, que passamos da observação da figura à abstração do pensamento, indo diretamente de encontro à força de ver e entender o outro como complemento desta co-operação.

Nesta explicitação realista é que Eduardo Fonseca nos conduz ao entendimento do seu trabalho sobre a rua, transformando portanto seu universo figurativo em reflexões abstratas sobre a vida, somente compreensíveis através das cores.

Ricardo Fernandes, 2020